



JULIO VERNE

O Eterno Adão



ÚLTIMA OBRA DO AUTOR



ISIS

Zartog Sofr, um dos mais brilhantes cientistas do Império dos Quatro Mares, encontra um cilindro metálico antiquíssimo em uma escavação. Dentro várias folhas de papel escritas em uma linguagem desconhecida para sua época. Muito intrigado traduz ao seu idioma, descobrindo assim a perturbadora aventura dos primeiros homens de sua era e o quão pouco a sua ciência conhece sobre eles. Assinada por um dos maiores gênios da ficção científica “O Eterno Adão” trata da fragilidade dos seres humanos diante das poderosas forças da natureza. Uma obra que jamais esquecerá! Última obra do Autor.

PRÓLOGO

Júlio Verne nasceu em Nantes (França) no dia 8 de fevereiro de 1828 e morreu setenta e sete anos depois em Amiens (França) em 24 de outubro de 1905. Sua vida transcorreu em meio aos descobrimentos geográficos e científicos característicos do século XIX, tempo em que o homem se sentia capaz de salvar-se de qualquer obstáculo que a natureza lhe impusesse, sem medir as consequências. O progresso era então um verdadeiro hino de triunfo.

Desde muito jovem, Júlio Verne albergou uma imensa paixão pelas viagens e aventuras. O mundo também era ainda jovem e possuía grandes extensões territoriais virgens: o continente africano, os pólos norte e sul, as profundidades submarinas, inclusive as siderais, convidavam o homem a empreender sua conquista. Aos vinte anos, Julio Verne mudou-se para Paris, cumprindo a vontade do seu pai, e foi ali que aproveitou para alternar a vida boêmia com a dos salões literários e de teatro. Também frequentou assiduamente a Biblioteca Nacional e o Círculo de Imprensa Científica, para satisfazer sua segunda grande paixão: a ciência. Informado sobre os descobrimentos científicos mais recentes e sobre as últimas explorações geográficas, concebeu então a ideia de criar a literatura da ciência.

Com a aparição, em 1863, do livro Cinco semanas no globo, inicia-se a série das Viagens extraordinárias, com títulos tão famosos como Viagem ao centro da Terra (1864), Da Terra à Lua (1865), 20.000 léguas submarinas (1869), A volta ao mundo em 80 dias (1873) e A ilha misteriosa (1874), para mencionar apenas alguns dos seus mais famosos livros. Neles, Julio Verne combina, como ninguém, a informação científica com a aventura, pelo que é considerado, por alguns, o pai da ciência ficção. É certo que sua clarividência atinge o limiar do fantástico: no seu projeto lunar, a nave, ao regressar, cai nas águas do Oceano Pacífico a apenas três milhas de distância do local em que de fato amerissou. Os tripulantes da Apollo 11, em 1969, também foram três: em sua novela As quinhentas milhas (1879), prefigura o nazismo, e o malvado da história, Herr Schultze, é imagem e semelhança de Hitler. Assim como esses, outros muitos exemplos poderiam ser citados.

É justamente com este livro que As viagens extraordinárias recebem um giro diferente. Em lugar de enaltecer o progresso, nas

novelas seguintes de Júlio Verne prevalece a advertência ou a ironia que esconde a amargura do desengano. Desse período são, entre outras, A ilha de hélice (1895), Diante da bandeira (1896), Dono do mundo (1904) e, de publicação póstuma, Os naufragos de Jonathan (1909), A impressionante aventura da missão Barsac (1919) e O eterno Adão.

Julio Verne escreveu este livro pouco antes de morrer. Este texto é uma síntese perfeita das suas duas posturas antagônicas: a ideia da natureza dominada e submetida às necessidades do homem, confrontando-se com o pessimismo daqueles que veem o mundo alterado e desfigurado por esse suposto triunfo. Como resultado dessa luta, Julio Verne atinge uma conclusão de alcance filosófico que o título já deixa entrever.

Às portas da morte, Júlio Verne abre o véu da arrogância humana e nos faz conscientes do lugar que ocupamos na infinitude do universo.

O ETERNO ADÃO

O renascer da humanidade

Zartog Sofr-Ai-Sr, quer dizer, o *doutor*, terceiro representante masculino da centésima primeira geração da estirpe dos Sofr, caminhava tranquilamente pela rua principal de Basidra, capital de Hars-Iten-Schu, chamado de "o Império dos Quatro Mares". Efetivamente, quatro mares, o Tubéloneo, ou setentrional, o Ehóneo, ou austral, o Espóneo, ou oriental, e o Méroneo ou ocidental, limitavam essa região enorme de forma muito irregular, cujos extremos, contando segundo as medidas que o leitor conhece, chegavam até o quarto grau de longitude Leste e aos cinquenta e

dois graus de longitude Oeste, e em latitude, ao Norte, cinquenta e quatro graus, e cinquenta e cinco graus de latitude Sul. Quanto à extensão respectiva daqueles mares, como calculá-la? Nem mesmo de maneira aproximada, uma vez que todos se mesclavam entre si. Um navegante, partindo de qualquer ponto e avançando sempre em linha reta, chegaria necessariamente à costa diametralmente oposta, porque, em toda a superfície do globo, não existia nenhuma outra terra senão a de Hars-Iten-Schu.

Sofr caminhava muito lentamente, porque fazia muito calor, estava começando a estação ardente em Basidra, situada às margens do Espóneo-schu, o mar oriental, a menos de vinte graus ao norte do Equador. O Sol, próximo ao zênite, desprendia uma enorme catarata de raios abrasadores.

Porém, mais que o cansaço ou o calor, o que retardava os passos de Sofr, o sábio zartog, era o peso de seus próprios pensamentos. Enquanto enxugava a testa distraidamente com sua mão, recordava a sessão que acabara de terminar, onde tantos oradores eloquentes, dentre os quais ele se contava com orgulho, haviam celebrado esplendorosamente os cento e noventa e cinco anos da fundação do império. Alguns tinham relatado sua história, quer dizer, a de toda a humanidade inteira. Havia mostrado a Mahart-Iten-Schu (Terra dos

Quatro Mares), que estava dividida, desde sua origem, num imenso número de povoados que nem mesmo se conheciam. As tradições mais antigas remontavam a essas populações. Quanto aos acontecimentos anteriores, ninguém os conhecia, e as ciências naturais apenas começavam a vislumbrar um tênue resplendor em meio às impenetráveis trevas do passado. Em todo o caso, aquelas épocas remotas escapavam à crítica histórica, cujos primeiros rudimentos eram compostos de vagas noções, todas com referência a antigas populações dispersas.

Por mais de oito mil anos, a história cada vez mais completa e exata de Mahart-Iten-Schu narrava apenas combates e guerras, primeiro de indivíduo contra indivíduo, depois de famílias contra famílias, por último de tribos contra outras tribos. Cada ser vivente, cada

a humanidade encontrava-se preparada para enormes convulsões. Nesse momento, as armas, o fogo e a violência já haviam cumprido parte do seu papel, os fracos haviam sucumbido perante os fortes e os homens que povoavam Mahart-Iten-Schu formavam três nações homogêneas. Em cada uma, o tempo ia atenuando a diferença entre os vencedores e os vencidos da época. Foi quando uma dessas nações empreendeu o domínio sobre as suas vizinhas.

Situados no centro de Mahart-Iten-Schu, os Andarti-Ha-Sammgor, ou Homens com Rosto de Bronze, lutaram sem piedade para ampliar suas fronteiras, dentro das quais se sufocava sua ardorosa e prolífera raça. Uns após outros, à custa de guerras seculares, venceram os Andarti-Mahart-Horis, Homens do País das Neves, povoadores das regiões do Sul, e os Andarti-Mitra-Psul, os Homens da Estrela Imóvel, cujo império estava situado em direção ao Noroeste.

Haviam-se passado mais de duzentos anos desde que a última rebelião desses dois povos fora afogada em rios de sangue, e a terra conhecia finalmente um período de paz. Era o quarto período da história. Um império único substituíra agora as três nações antigas, todas obedecendo às leis de Basidra. A unidade política tendia a fundir as raças. Já ninguém falava dos Homens com Rosto de Bronze, ou dos Homens da Estrela Imóvel, nem dos Homens do País das Neves, já que, sobre a terra, existia somente um povo: o dos Andart-Iten-Schu, os Homens dos Quatro Mares, que em seu seio reunia todos os demais. Entretanto, transcorridos esses duzentos anos de paz, parecia anunciar-se um quinto período. Desde algum tempo circulavam rumores inquietantes, vindos ninguém sabe dizer de onde. Surgiram

pensadores que despertaram nos espíritos lembranças ancestrais que se acreditavam esquecidas para sempre.

O antigo sentimento racial renascia sob um novo aspecto diferente, caracterizado por palavras novas. Utilizavam com absoluta normalidade termos como "atavismo", "afinidades", "nacionalidades" etc. Todos vocábulos de criação recente, que respondendo a uma necessidade, haviam adquirido rapidamente o direito de cidadania. Segundo a origem das comunidades, o aspecto físico, as tendências morais, os interesses ou simplesmente as regiões e até mesmo os climas, os homens formaram grupos que iam crescendo pouco a pouco e que começavam a agitar-se. Em que direção caminhava essa evolução nascente? O império, apenas formado, ia se desagregar? Mahart-Iten-Schu se veria dividida, como antes, numa enorme quantidade de nações? Ou para manter sua unidade, teria de recorrer novamente às horríveis hecatombes que durante tantos milênios haviam convertido a terra num cemitério?

Sufr expulsou tais pensamentos com um movimento de cabeça. Nem ele, nem ninguém, poderiam conhecer o futuro. Assim, para que se entristecer de antemão diante de fatos tão incertos? Além do mais, não era o dia indicado para refletir a respeito dessas hipóteses funestas. Então, tudo era alegria, havia de se pensar unicamente na majestosa grandeza de Mogar- Si, o décimo segundo imperador de Hars-Iten-Schu, cujo cetro guiava o universo a destinos gloriosos.

Por outro lado, a um zartog não lhe faltavam motivos para se sentir feliz. Além do historiador que havia traçado os esplendores de Mahart-Iten-Schu, por ocasião do seu aniversário, uma plêiade de sábios estabeleceu, cada um na sua especialidade, o balanço do conhecimento humano, indicando o ponto a que havia chegado a humanidade no seu esforço secular. Assim, se o primeiro havia dado lugar, de certa forma, a reflexões tristes explicando por qual lento e tortuoso caminho a humanidade havia conseguido escapar a sua brutalidade original, os demais haviam fomentado o orgulho do seu auditório. Sim, com certeza, comparando o homem primitivo, nu e indefeso sobre a terra com o que se havia transformado na atualidade, era motivo de grande admiração.

Durante séculos, apesar das suas discórdias e ódios, não havia interrompido, nem por um momento, a luta contra a natureza, aumentando o alcance de sua vitória. Lenta, no início, sua marcha triunfal havia-se acelerado de modo surpreendente desde os últimos

duzentos anos, através dos quais a estabilidade das instituições políticas e a paz universal que dela surgia haviam provocado um maravilhoso florescimento da ciência. A humanidade tinha como principal objetivo o desenvolvimento do seu cérebro, e não apenas dos membros; tinha reflexionado, em vez de consumir-se em guerras insensatas; e por essa razão, no transcurso dos dois últimos séculos, havia avançado com passos cada vez mais velozes ao conhecimento e ao domínio da matéria.

Sofr, enquanto seguia caminhando pela longa Rua de Basidra sob o sol ardente, esboçava em grandes traços o quadro das conquistas humanas. Primeiro, o homem havia inventado a escrita, com a finalidade de fixar e conservar os pensamentos; mais de quinhentos anos depois, havia encontrado o meio de reproduzir a palavra escrita numa quantidade infinita de cópias, com a ajuda de um único molde. Na realidade, desse descobrimento derivavam-se outros muitos, e era graças a esse invento que o cérebro e a inteligência cresciam e os descobrimentos, tanto teóricos como práticos, haviam-se multiplicado de tal forma que, na atualidade, já eram incontáveis.

O homem havia penetrado nas entranhas da terra e dali extraído o carvão mineral ou hulha, que dispensava calor generosamente; havia liberado a força latente da água e, a partir de então, o vapor, arrastando pesadas fileiras metálicas que formavam os pesados trens sobre longuíssimas tiras de ferro. Ativava também um sem-número de outras máquinas poderosas, delicadas e precisas; e graças a essas máquinas, era possível tecer as fibras vegetais, trabalhar todos os metais, o mármore e a rocha. Numa esfera menos concreta e, pelo menos, de utilidade menos direta e menos imediata, descobria-se gradualmente o mistério dos números e explorava-se, cada vez mais, o infinito das verdades matemáticas. Por meio delas, seu pensamento havia explorado o céu. Sabia que o Sol era simplesmente uma estrela que gravitava através do espaço, segundo leis rigorosas, arrastando consigo sete planetas¹ formando seu cortejo em sua órbita de fogo ardente. Conhecia a arte de combinar certos corpos, em estado bruto, para formar outros corpos novos, que já nada tinham em comum com os primeiros, assim como de dividir outros corpos com seus elementos constitutivos primitivos. Submetia à análise o som, a luz, o calor e começava a determinar suas naturezas e suas leis.

Cinquenta anos antes, havia aprendido a produzir essa energia da qual o raio e os relâmpagos são as manifestações mais aterradoras,

que imediatamente, o homem lograra escravizar; esses agentes misteriosos já transmitiam, a distâncias inconcebíveis, o pensamento escrito; amanhã, sem dúvida, a luz².

Sim, o homem era grande, maior que o universo, o qual um dia, não muito distante, dominaria como amo e senhor...

Então, para obter a verdade íntegra, restava-lhe por resolver este último problema: "Este homem, dono do mundo, quem ele era? De onde ele vinha? Para que fins desconhecidos tendiam seus inesgotáveis esforços?". Precisamente, esse era o vasto tema que o zartog Sofr havia tratado durante o transcurso da cerimônia de que acabara de sair. Certamente semelhante problema era insolúvel nesse momento, e sem dúvida, seguiria sendo por muito, muito tempo ainda. Não obstante, alguns vagos resplendores começavam a clarear o mistério. Não foi, por acaso, o zartog Sofr quem lançou os resplendores mais potentes quando, recopilando sistematicamente as pacientes observações dos seus predecessores e as suas próprias, formulou a sua lei da evolução da matéria viva, lei, na atualidade, admitida universalmente e que já ninguém contradissera? Essa teoria mantinha-se sobre uma base tríplice.

Em primeiro lugar, sobre a ciência geológica, que, nascida no mesmo dia em que se escavaram as entranhas da terra pela primeira vez, ia-se aperfeiçoando de acordo com o desenvolvimento das explorações minerais. A crosta do globo terrestre era conhecida com tal exatidão que se atreviam a estabelecer sua idade em quatrocentos mil anos, e a da Mahart-Iten-Schu, em vinte mil anos, tal como existia na atualidade. Antes, o continente jazia dormindo debaixo das águas do mar, como o testemunhava a densa camada de limo marítimo que encobria sem interrupção as camadas rochosas subjacentes. Por qual motivo haveria despontado sobre as ondas? Evidentemente, em consequência de uma contração do globo ao esfriar-se. De qualquer forma, o surgimento de Mahart-Iten-Schu devia ser considerado certo.

As ciências naturais haviam proporcionado a Sofr os outros dois fundamentos do seu sistema, demonstrando a estreita relação que tinham as plantas entre si e os animais entre si. Sofr havia ido ainda mais longe: havia demonstrado até a evidência que a maioria dos vegetais existentes relacionava-se com uma planta marítima que era sua ancestral, e que praticamente todos os animais terrestres ou aéreos originavam-se de animais marinhos. Mediante uma evolução lenta, mas incessante, iam estes adaptando-se pouco a pouco às

condições de vida, parecidos no início, depois cada vez mais diferentes daquela que caracterizava sua vida primitiva e, passo a passo, iam dando origem à maioria das formas viventes que habitam a terra e o céu. Lamentavelmente, essa engenhosa teoria não estava livre de objeções. Que os seres vivos de ordem animal ou vegetal descendessem de antepassados marinhos era algo que parecia inegável em quase todos os casos, porém não em todos. De fato, existiam algumas plantas e animais que pareciam impossíveis de relacionar-se com qualquer uma das formas aquáticas. Era esse um dos pontos fracos do sistema. O homem era outro ponto débil, que Sofr não ocultava.

Entre o homem e os animais, não era possível qualquer comparação. Certamente, as funções e as propriedades primordiais, como a respiração, a nutrição, as faculdades de se movimentar eram idênticas e se cumpriam ou se manifestavam sensivelmente da mesma maneira, mas subsistia um abismo infranqueável entre as formas exteriores, a quantidade e a disposição dos órgãos. Se fosse possível, por meio de uma corrente sequencial, fazer uma conexão do homem com a maioria dos animais antepassados saídos do mar, a filiação dessa natureza resultaria inadmissível no que concerne ao homem. Para conservar intacta a teoria da evolução, era necessário imaginar a hipótese da existência de um elo comum entre os habitantes das águas e os homens, do qual absolutamente nada demonstrava a existência exterior.

Durante algum tempo, Sofr havia esperado encontrar argumentos favoráveis à sua tese no estudo do solo. Por meio de sua instigação e sob sua própria direção, durante uma larga série de anos, foram realizadas diversas escavações, que conduziram a resultados diametralmente opostos aos que esperava encontrar seu promotor. Depois de ter atravessado uma delgada película de húmus, formada pela decomposição de plantas e de animais semelhantes aos que podiam ser vistos diariamente, tinha-se alcançado uma espessa capa de limo, onde os restos do passado haviam mudado de natureza. Nesse limo, já não se encontrava nada parecido com a flora ou a fauna atuais, senão um acúmulo colossal de fósseis exclusivamente marinhos e cujos congêneres, na sua maioria, ainda viviam nos oceanos que rodeavam Mahart-Iten-Schu. Que outra conclusão poderia deduzir-se de tudo aquilo, senão a de que os geólogos tinham razão quando afirmavam que o continente havia servido de fundo a esses mesmos

oceanos em tempos remotos e de que Sofr não estava enganado ao dar por definitiva a origem marítima da flora e da fauna contemporâneas? Porque, salvo exceções pouco frequentes que poderiam considerar-se perfeitamente monstruosidades, somente se achavam sinais de formas aquáticas e de formas terrestres. Estas últimas, necessariamente, deveriam ter sido engendradas pelas primeiras.

Desafortunadamente para a generalização do sistema, foram realizadas outras descobertas. Disseminadas por toda a espessura do húmus e até a zona mais superficial do depósito de limo, foram descobertas inúmeras ossadas humanas. Não havia nada fora de comum na estrutura desses fragmentos de esqueletos, e Sofr viu-se obrigado a renunciar e a buscar neles os organismos intermediários cuja existência houvera confirmado sua teoria: os ossos achados eram, nem mais nem menos, ossadas humanas. Entretanto, não passou muito tempo para constatar uma particularidade notável. Até determinada Antiguidade, que poderia calcular-se grosseiramente em dois ou três mil anos, quanto mais antigo o ossário, menor o tamanho dos crânios. Contrariamente, mais adiante, a progressão se invertia, e a partir dali, quanto mais se retrocedia no passado, mais aumentava a capacidade craniana e, conseqüentemente, o tamanho dos cérebros encontrados. O maior deles foi achado justamente entre os restos, muito escassos, descobertos na superfície da camada de limo. Um exame minucioso desses veneráveis vestígios não deixou qualquer dúvida de que os homens que viveram naqueles tempos remotos haviam alcançado um desenvolvimento cerebral muito superior ao dos seus sucessores (inclusive ao dos próprios contemporâneos do zartog Sofr). Isso indicava que, durante cento e sessenta ou cento e oitenta séculos, havia ocorrido uma grande regressão, seguida de uma nova ascensão.

Sofr, surpreendido por esses fatos inesperados, continuou com suas investigações. A camada de limo foi atravessada de cima para baixo, constatando-se que a sua espessura era tal que a sedimentação não poderia ter exigido menos de quinze mil ou vinte mil anos, segundo os cálculos mais moderados. Mais adiante, surpreendentemente, foram encontrados restos de uma antiga camada de húmus; a seguir, abaixo desse húmus, apareceu a rocha, de natureza variável segundo o lugar das investigações. Porém, o mais intrigante foi o descobrimento de alguns restos de origem incontestavelmente humana, extraídos dessas

estranhas profundezas. Eram fragmentos de esqueletos que pertenciam a seres humanos, assim como restos de armas ou instrumentos, fragmentos de objetos de ferramenteiro, inscrições num idioma desconhecido, pedras duras finamente talhadas, algumas vezes esculpidas em formas de estátuas quase intactas, capitéis finamente trabalhados e outros muitos vestígios.

Todos esses achados levaram à constatação de que, por volta de quarenta mil anos antes, ou seja, vinte mil anos antes do momento em que haviam surgido os primeiros habitantes da raça contemporânea, não se sabe como nem de onde, outros homens já haviam vivido nesses mesmos lugares e haviam atingido um grau muito avançado de civilização. Essa foi, de fato, a conclusão aceita pela maioria. Entretanto, houve pelo menos um dissidente. Esse dissidente era Sofr.

Admitir que outros homens, separados de seus sucessores por um abismo de vinte mil anos, haviam habitado a Terra pela primeira vez, era, em sua opinião, inconcebível, pura loucura! Nesse caso, de onde teriam vindo? Como teriam vivido então esses descendentes de ancestrais extintos havia tanto tempo e dos quais não existia aparentemente nenhum vínculo? Antes de admitir semelhante hipótese, era preferível manter-se na expectativa. Que tais fatos singulares não tenham sido explicados, não implica necessariamente que fossem inexplicáveis. Algum dia seriam interpretados. Era conveniente, até então, não levá-los em consideração e permanecer fiel aos princípios que satisfaziam plenamente a razão.

A vida planetária divide-se em duas fases: antes do homem e depois do homem. Na primeira fase, a Terra, em estado de contínua transformação, é, por esse motivo, inabitável e inabitada. Na segunda, a superfície do globo alcançou um estado de solidez que permite a estabilidade. Imediatamente, e tendo por fim um substrato sólido, surge a vida. Começa pelas formas mais elementares e vai se aprimorando, cada vez mais, até chegar finalmente ao homem, sua manifestação mais perfeita de acabada expressão. Uma vez sobre a Terra, o homem empreende o caminho aos seus objetivos, que é o conhecimento perfeito e o domínio absoluto do universo.

Sofr, exaltado pelo ardor das suas convicções, havia deixado sua casa para trás. Quando percebeu, deu meia-volta, a contragosto. "Como!", dizia para si mesmo, "Aceitar que o homem teria quarenta mil anos! Que tenha alcançado um grau de civilização comparável, ou até superior, a este que gozamos atualmente e que seus

conhecimentos e descobrimentos tenham desaparecido sem deixar o mínimo rastro, a ponto de obrigar os seus descendentes a reiniciar a obra desde um princípio, como se fossem pioneiros de um mundo jamais habitado antes deles! Isso seria negar o futuro, proclamar que nosso esforço é inútil e que todo progresso é tão precário e inseguro como uma borbulha de espuma flutuando entre as ondas!" Sofr deteve-se diante da sua casa. "Upsa ni! Hartchok!" "Não! Não! De verdade!" "Andart mir'hoeh spha!" (O homem é o senhor das coisas!), balbuciou, empurrando a porta.

Após descansar alguns minutos, o zartog almoçou com apetite e deitou-se para fazer seu descanso diário. Mas todas as dúvidas que lhe haviam surgido no seu regresso ao lar o impediam de conciliar o sono. Por mais intenso que fosse seu desejo de estabelecer a unidade dos métodos da natureza, tinha demasiado espírito crítico para ignorar a inconsistência do seu sistema para abordar o problema da origem e da formação do homem. Forçar os fatos para se ajustarem a uma hipótese prévia é uma maneira de ter razão contra os demais, mas não contra si mesmo. Sim, se em lugar de ser um sábio, um eminentíssimo zartog, Sofr tivesse pertencido à classe dos incultos, talvez fosse menos incômodo.

De fato, o povo, sem perder tempo em profundas especulações, contentava-se em aceitar cegamente a antiga lenda transmitida de pais para filhos, desde tempos imemoriais. Ela explicava o mistério com outro mistério; fazia remontar a origem do homem à intervenção de uma vontade superior. Num certo dia, essa potência extraterrena havia criado, do nada, Hedom e Iva, o primeiro homem e a primeira mulher, cujos descendentes povoaram toda a Terra. Assim, tudo se encaixava com suma simplicidade. "Com demasiada simplicidade!", pensava Sofr. "É fácil fazer interferir a divindade, quando alguém se desespera para compreender algo. Dessa maneira, torna-se inútil a busca da solução dos enigmas do universo, pois os problemas são eliminados mal fiquem definidos. Se ao menos a lenda popular houvesse tido ainda que a aparência de uma base sólida... Mas não, descansava sobre o nada! Era simplesmente uma tradição, nascida em tempos de ignorância e transmitida de geração a geração através dos séculos. Até esse nome "Hedom!" De onde se originava esse vocábulo singular, de estranha sonoridade, que certamente não pertencia ao idioma dos Andart-Iten-Schu? Somente diante desse pequeno enigma filológico, haviam sucumbido infinidades de sábios, sem encontrar

uma resposta satisfatória! Convenhamos! Todas eram bobagens, indignas de absorver a atenção de um zartog!"

Irritado, Sofr saiu até o seu jardim. Era um hábito diário nesse horário. O sol, declinando, lançava sobre a terra um calor menos vivo e uma brisa suave que começava a soprar desde o Spon-Schu. O zartog passeou pelas alamedas, à sombra das árvores, cujas folhas trêmulas sussurravam aos ventos marinhos, e aos poucos, seus nervos recuperaram o equilíbrio natural. Conseguiu desprender-se de suas obsessivas preocupações, desfrutar do ar livre com tranquilidade, se interessar pelos frutos, pela riqueza dos jardins e pelas flores. A casualidade do passeio levou-o novamente até a sua casa. Antes, porém, deteve-se à beira de uma profunda escavação, onde havia vários tipos de ferramentas. Logo ali estariam terminados os alicerces de um novo edifício, que teria o dobro da superfície do seu laboratório. Como aquele era um dia festivo, os operários haviam abandonado as atividades para se entregarem ao lazer.

Sofr tentava calcular mentalmente o trabalho já realizado e o quanto ainda restava por fazer. De repente, entre as sombras do solo escavado, um objeto brilhante atraiu sua atenção. Intrigado, desceu ao fundo da escavação e resgatou o estranho objeto coberto de terra nas suas três quartas partes. De volta à superfície, o zartog examinou sua descoberta. Era algo semelhante a um estojo, feito de um material desconhecido, cinzento, de textura granulosa, cuja prolongada permanência no solo havia diminuído seu brilho. Uma fenda na terceira parte do seu comprimento registrava que o estojo era formado por duas partes que se ajustavam perfeitamente. Sofr tentou abri-lo. Na primeira tentativa, o metal, desagregado pela ação do tempo, se desfez praticamente em pó, exibindo um segundo objeto no seu interior. Para o zartog, a matéria de que era feito esse objeto era tão desconhecida quanto a do metal que o havia protegido até então. Era um rolo formado por pequenas folhas superpostas e cheio de estranhos signos, cuja regularidade demonstrava tratar-se de caracteres de alguma forma de escritura, mas de uma escritura desconhecida, diferente de todas as que Sofr jamais tinha visto, nem mesmo parecida com qualquer outra conhecida. Tremendo de emoção, o zartog foi rapidamente até o seu laboratório, e manuseando cuidadosamente o precioso documento, começou a examiná-lo.

Sim, tratava-se claramente de uma forma de escrita, não havia dúvida, e nem se podia de duvidar que essa escritura não guardasse

relação alguma com qualquer outra que tenha sido praticada sobre a superfície da Terra, desde a origem dos tempos históricos. De onde viria esse documento? O que significaria? Essas eram as perguntas que se formulavam na mente de Sofr. Para responder à primeira, era necessário estar em condições de responder à segunda. Tratava-se, em primeiro lugar, de ler e traduzir; uma vez que o idioma do documento era tão desconhecido como sua escrita. Seria impossível esse trabalho? Ao zartog Sofr não lhe parecia ser tão difícil, e sem perder um minuto, pôs-se a trabalhar arduamente nisso. Esse trabalho levou-lhe muito, muito tempo, meses inteiros. Sofr não se concedeu um momento de descanso. Sem desânimo, prosseguiu o estudo metódico do misterioso documento, avançando passo a passo até seu esclarecimento. Finalmente, chegou o dia em que possuiu a chave do indecifrável hieróglifo. Ainda com muitas dificuldades e grande esforço, conseguiu traduzi-lo para o idioma dos Homens dos Quatro Mares. Quando chegou esse dia, o zartog, Sofr-Ai-Sr leu o seguinte:

1. Os Andart-Iten-Schu ignoravam a existência de Netuno (Nota do autor) e também de Plutão, descoberto em 1930, vinte e cinco anos depois da morte de Verne.
2. Resulta evidente que os Andart-Ben-Schu conheciam o telégrafo, mas ainda ignoravam o telefone e a luz elétrica, no momento em que o zartog, Sofr-Al-Sr, entregava-se a essas reflexões.

Rosário, 24 de maio de 20 ...

Coloco esta data ao início da minha narrativa, ainda que, na verdade, tenha sido redigida em outra data, bem mais recente e em outros lugares muito diferentes. Entretanto, para tratar de um assunto como este, do meu ponto de vista, considero que a ordem é absolutamente necessária, e é por esse motivo que adoto a forma de um *diário*, escrito dia a dia.

Aos vinte e quatro dias do mês de maio, é quando começa o relato dos terríveis acontecimentos vividos, que deixo registrados nestas páginas, para que sirvam de informação àqueles que virão depois de mim, se, apesar de tudo, a humanidade tiver ainda quaisquer possibilidades de contar com algum futuro, seja lá qual for. Em que idioma devo escrever isto? Talvez em inglês ou em espanhol, que domino corretamente? Não! Fá-lo-ei no idioma do meu país, em francês.

Naquele dia 24 de maio, havia reunido alguns dos meus melhores amigos na minha residência de Rosário para um delicioso jantar, como era de costume. Devo explicar primeiro que Rosário é, ou melhor, era uma cidade do México, situada às margens do Pacífico, ao sul e a pouca distancia do golfo da Califórnia.

Doze anos atrás, havia me estabelecido ali, para dirigir a exploração de uma mina de prata de minha propriedade. Meus negócios haviam prosperado de maneira surpreendente. Eu era um homem rico, muito rico. Na realidade, hoje, essa palavra não significa absolutamente nada para mim, pelo contrário, me faz rir. Tinha planejado retornar à França, minha terra de origem, em curto prazo de tempo.

Minha residência, uma das mais luxuosas, encontrava-se situada no ponto mais elevado, com um imenso jardim que descia em direção ao mar e terminava bruscamente numa falésia de mais de cento e cinquenta metros de altura, que caía em precipício até as rochas, onde quebravam as ondas do mar. Atrás da minha residência, o terreno continuava subindo, e por uma série de caminhos serpenteantes, era possível chegar ao topo das montanhas, cuja altura superava os mil e oitocentos metros. Frequentemente, era um belo passeio; eu costumava fazer a subida no meu automóvel, uma magnífica e poderosa máquina de cento e trinta e cinco cavalos de potência, uma das melhores marcas de fabricação francesa.

Vivia em Rosário com meu filho, Jean, um formoso jovem de vinte anos de idade. E virtude da morte de um parente afastado pelo sangue, mas

muito próximo do meu coração, tornei-me responsável por sua filha, Helen, que tinha ficado órfã, desamparada e sem fortuna. Haviam-se passado cinco anos desde então. Meu filho, Jean, tinha então vinte e cinco anos, e minha pupila Helen, vinte. No mais profundo da minha alma, eu os via unidos pelo destino.

Nossa criadagem era formada por um mordomo, Germain; um motorista dos mais habilidosos que conheci, Modesto Simonat; meu jardineiro, Jorge Raleigh; sua esposa, Anna; e suas duas filhas, Edith e Mary.

Naquele dia 24 de maio, éramos oito que nos encontrávamos sentados ao redor da minha mesa, iluminados por lâmpadas alimentadas por um gerador de energia instalado no jardim. Havia mais cinco convidados além do dono da casa, seu filho e sua pupila, dos quais três ingleses e dois mexicanos.

O doutor Bathurst contava-se entre os primeiros, e o doutor Moreno, entre os segundos. Ambos eram sábios no sentido mais amplo da palavra, o que não impedia que estivessem frequentemente em desacordo em alguns pontos de vista. Quanto aos demais, eram excelentes pessoas, e sem sombra de dúvida, os meus melhores amigos. Os dois anglo-saxões restantes eram Williamson, proprietário de uma importante casa pesqueira de Rosário, e Rowling, um homem audacioso que tinha fundado, próxima à cidade, uma plantação de frutas e hortaliças de altíssima qualidade, o que lhe proporcionou uma fortuna considerável. A respeito do último convidado, tratava-se do senhor Mendonça, presidente do Tribunal de Rosário, pessoa estimada, de espírito culto e juiz íntegro.

Chegamos ao final do jantar sem nenhum incidente. As palavras ditas até aquele momento, esqueci-as por completo; lembro que falamos de diversos assuntos. Pelo contrário, lembro-me perfeitamente de tudo o que foi falado depois do nosso jantar, enquanto fumávamos nossos cigarros. Não porque as frases tivessem uma importância particular, senão porque os comentários que iriam sofrer imediatamente despertariam um grande interesse em todos nós.

Terminamos por falar, não importa como, dos maravilhosos progressos alcançados pelo homem. O doutor Bathurst interveio num determinado momento e disse: "Está claro que, se Adão (pronunciava Eidem, como é natural de um inglês) e Eva (pronunciava Iva, logicamente) regressassem à Terra, ficariam surpresos! Assim começou a discussão. Moreno, fervente darwinista, partidário convicto da teoria da seleção natural, perguntou a Bathurst, ironicamente, se ele dava crédito à lenda do paraíso terrestre. Bathurst respondeu que, pelo menos, acreditava em Deus, e visto que a

existência de Adão e Eva estava baseada na Bíblia, não era capaz de contradizê-la. Moreno, por sua vez, replicou que, como seu adversário, acreditava em Deus, porém, que o primeiro homem e a primeira mulher, tranquilamente, podiam ter sido simplesmente mitos, símbolos ou lendas, e que não era um sacrilégio imaginar que a Bíblia quisesse representar, desse modo, o sopro vital, insuflado pela força criadora na primeira célula, da qual surgiram todas as demais. Para Bathurst, tal explicação era enganosa, e na sua opinião, ser obra direta da divindade era preferível a ser provenientes de primatas.

Em certo momento, parecia que a discussão ameaçava subir de tom quando, de repente, ambos os oponentes haviam encontrado, casualmente, uma zona de comum entendimento. É assim que essas coisas, quase sempre, costumam terminar.

Voltando ao primeiro tema da nossa conversação, os dois antagonistas coincidiram em admirar, qualquer que fosse a origem da humanidade, o elevado nível de cultura e sabedoria que havíamos alcançado; com orgulho, foram enumerando todas as conquistas. Bathurst louvou a Química, levada a tal ponto de perfeição que propendia a desaparecer para confundir-se com a Física, duas ciências que acabariam formando uma única e cujo objeto se centralizaria no estudo da energia imanente.

Moreno elogiou a Medicina e a Cirurgia, por intermédio das quais havia-se desentranhado a natureza secreta do fenômeno da vida e cujas descobertas extraordinárias permitiam esperar, num futuro não muito distante, a imortalidade dos organismos animados. Passado um tempo, os dois se cumprimentaram pelos grandes descobrimentos alcançados pela Astronomia, esperando que um dia, não muito distante, fosse possível conversar com os sete planetas do sistema solar e com outras estrelas, da mesma forma como o estávamos fazendo agora³.

Esgotados pelo entusiasmo inicial, os dois apologistas decidiram dar-se um breve descanso. Por sua vez, os demais convidados aproveitaram para trocar algumas palavras, ingressando no terreno gigantesco dos inventos práticos que haviam modificado tão profundamente a condição da humanidade.

Elogiaram os trens e os navios, imprescindíveis para o transporte de mercadorias pesadas. As econômicas aeronaves que velozmente se locomovem, utilizadas pelos viajantes que não tinham tempo a perder. Os tubos pneumáticos ou eletroônicos que sulcam os mares e continentes, adaptados para as pessoas mais apressadas. Elogiaram, também, as incontáveis máquinas, cada uma mais engenhosa que a anterior, e o fato de

que com apenas uma era possível realizar as tarefas realizadas por mais de cem homens em algumas indústrias.

Falaram sobre a imprensa, a fotografia em cores, a luz, o som, o calor e todas as vibrações do éter. Também festejaram, antes de tudo, a eletricidade, esse agente extremamente ágil e dócil, conhecido tanto pela perfeição da sua essência como pelas suas qualidades, que permite ativar um mecanismo ou mesmo dirigir uma nave de superfície submarina ou aérea e, também, que as pessoas possam se escrever, se falar ou até mesmo se ver sem importar a distância. Resumindo, aquele encontro foi verdadeiramente um duelo de sabedoria no qual tomei parte ativa.

Estávamos totalmente de acordo que a humanidade havia alcançado um nível intelectual desconhecido e

impensável antes de nossa época, e que permitia que se acreditasse no seu triunfo definitivo sobre a natureza.

- Não obstante - disse o juiz Mendonça com sua voz flauteada, aproveitando o momento de silêncio que se seguiu -, tenho ouvido falar em civilizações que desapareceram sem ter deixado qualquer vestígio, e que teriam atingido um grau de civilização e conhecimento igual ou superior ao nosso atual.

- Quais? - perguntaram todos de uma só vez.

- Bem!... Os babilônicos, por exemplo.

Houve uma explosão de gargalhadas. Ser capaz de comparar os antigos babilônicos aos homens modernos!

- Os egípcios - continuou Mendonça, tranquilamente.

As gargalhadas subiram de tom. Todos riram dele.

- Como também os atlantes, que somente nossa ignorância os converteu em lendários - prosseguiu o presidente.

- Agreguemos a isso a possibilidade de que várias civilizações anteriores aos atlantes tenham nascido, prosperado e se extinguido sem que mesmo o soubéssemos!

Como Dom Mendonça se obstinava no seu paradoxo, foi conveniente fingir que estávamos levando a sério, a fim de não ofendê-lo.

- Querido juiz - insinuou Moreno, com o tom de voz que se utiliza para despertar o raciocínio de uma criança -, suponho que você não pretenda que algum desses povos arcaicos possa comparar-se ao nosso, não é? Reconheço que na ordem moral alcançaram um nível equivalente de cultura, mas e quanto à ordem material?

- Por que não? - replicou Dom Mendonça.

- Porque - apurou-se Bathurst para explicar - nossos inventos têm a

característica de serem difundidos num instante por todo o globo terrestre, portanto o desaparecimento de um povo, ou de vários povos, deixaria intacta a soma do progresso conseguido. Para que não ficasse rastro algum do esforço humano, deveria desaparecer toda a humanidade ao mesmo tempo.

- Não é esta, pergunto-lhe, uma hipótese admissível?

Enquanto seguíamos conversando dessa sorte, os efeitos e as causas continuavam-se engendrando reciprocamente no infinito do universo e, antes que transcorresse um minuto da réplica do doutor Bathurst, a resultante total confirmaria o ceticismo de Mendonça.

Estávamos longe de suspeitar disso e, placidamente, conversávamos, alguns reclinados sobre o respaldo das cadeiras, outros acomodados sobre a mesa, enfim, todos dirigindo olhares piedosos a Mendonça, que, acreditávamos, estava satisfeito com a argumentação de Bathurst.

- Em primeiro lugar - contestou o juiz, sem manifestar nenhuma emoção -, é verossímil reconhecer que no planeta havia menos habitantes do que há na atualidade. Assim, um único povo podia, tranquilamente, possuir todo o saber universal. Portanto, não considero uma extravagância admitir a possibilidade de que toda a superfície do globo possa ter sido sacudida ao mesmo tempo!

- Por favor, senhor juiz! - disseram todos ao mesmo tempo.

Foi quando, nesse preciso momento, sobreveio a hecatombe.

Ainda pronunciávamos todos aqueles "Por favor!" quando se ergueu um estrondo aterrador. O solo tremeu e partiu-se sob nossos pés; a residência oscilou sobre seus alicerces.

Tropeçando e atropelando-nos uns aos outros, vítimas de um terror indescritível, nos precipitamos para o exterior da residência. Mal havíamos atravessado o umbral, a casa desaprumou-se de uma só vez, enterrando sob os escombros, o juiz Mendonça e o mordomo Germain, que vinham por último. Após alguns instantes de aturdimento mais que justificado, corremos a socorrê-los, quando vimos Raleigh, o jardineiro, acompanhado de sua esposa, que vinham correndo até nós desde o outro extremo do jardim, onde viviam.

- O mar! O mar! - gritavam com todas as suas forças.

Virei-me em direção ao oceano e fiquei petrificado. Não era plenamente consciente do que estava vendo, mas de imediato tive a nítida impressão de que a perspectiva habitual havia mudado. O fato de o aspecto da natureza, que consideramos essencialmente imutável, haver se

transformado de maneira tão brusca em apenas alguns segundos bastava para gelar o coração de horror. Não obstante, não demorei a recuperar meu sangue frio. Concluí rapidamente que a verdadeira superioridade do homem não reside em dominar ou vencer a natureza; para o homem pensador, está em compreendê-la, em fazer caber todo o imenso universo no microcosmo de seu cérebro; para o homem de ação, em manter a serenidade perante a rebelião da matéria e dizer: Destruir-me, talvez! Comover-me, jamais!

Quando recuperei a calma, compreendi a diferença entre a paisagem que tinha ante meus olhos e aquela que costumava contemplar. O alcantilado tinha desaparecido completamente, e meu jardim havia descido até o nível do mar; as ondas, logo depois de haver destruído a casa do jardineiro, batiam com fúria contra meus canteiros mais baixos. Como parecia pouco provável que o nível da água houvesse subido, era mais óbvio deduzir que a terra devia ter baixado. Se assim fosse, o rebaixamento superava os cento e cinquenta metros, pois era essa a altura do escarpado. Imagino que teria ocorrido lentamente, pois nenhum de nós havia percebido isso, o que justificava a aparente calma do oceano. Um rápido exame me convenceu de que era acertada a minha hipótese e também me permitiu confirmar que o descenso não havia terminado ainda. Efetivamente, o mar continuava avançando a uma velocidade que calculei próxima a uns dois metros por segundo; quer dizer, sete ou oito quilômetros por hora. Considerando a distância que nos separava das ondas mais próximas, seríamos engolidos em menos de três minutos, se a velocidade do afundamento continuasse uniforme.

Minha decisão foi rápida:

- Para o carro! - gritei.

Todos entenderam. Corremos até a garagem e empurramos o carro para fora. Num piscar de olhos, enchemos o tanque de combustível e rapidamente nos instalamos como fora possível. Simonat, meu motorista, pôs o motor em funcionamento, saltou ao volante, engrenou e arrancou o veículo pelo caminho a toda velocidade, enquanto Raleigh, rapidamente abria o portão. Raleigh pulou rapidamente para o carro quando este acabou de passar, segurando-se com toda força nos estribos traseiros. Bem a tempo! No mesmo momento em que tinha alcançado a estrada, uma violenta onda veio quebrar junto de nós, molhando as rodas do carro. Ufa! Já podíamos ver, um pouco mais longe, a perseguição do mar.

Subíamos a encosta da montanha a toda a velocidade, apesar da carga excessiva. Minha potente máquina nos manteria fora do alcance do mar,

que continuamente ameaçava nos engolir. Críamos estar a salvo, a não ser que o descenso do outro lado da montanha continuasse caindo no abismo. Como fosse à nossa frente, tínhamos bastante espaço: pelo menos, duas horas de ascensão e uma altura disponível de cerca de mil e quinhentos metros. De qualquer maneira, logo reconheci que não havia chegado ainda o momento de cantar vitória. Depois do primeiro arranque do veículo que nos levou a uns vinte metros da linha de espuma, Simonat aumentava a aceleração em vão, pois a distância não aumentava. Era evidente que o peso de doze pessoas tornava a marcha do carro mais lenta. Fosse como fosse, a velocidade do carro era igual à da água invasora, que se mantinha invariavelmente à mesma distância.

Essa inquietante situação foi conhecida imediatamente por todos que, salvo Simonat, ocupado no controle do veículo, olhamos observando o caminho que deixávamos para trás. Tudo já era água. À medida que avançávamos, a estrada ia desaparecendo sob o mar. Este já se havia acalmado. Só algumas pequenas ondas vinham morrer placidamente sobre uma nova pedra. Era um lago pacífico que crescia e crescia, num movimento uniforme, e nenhuma tragédia podia equiparar-se à progressão daquela água mansa. Fugíamos em vão, pois a água subia implacavelmente conosco.

Com os olhos fixos na estrada, Simonat tomou uma curva e disse:

- Estamos na metade da ladeira, ainda nos resta mais de uma hora de subida.

Todos estremecemos. Faltava uma hora ainda para chegar ao alto, e logo depois, deveríamos descer pelo outro lado. Perseguidos, seríamos apanhados sem remédio, fosse qual fosse nossa velocidade, pelas massas líquidas que se desmoronariam em avalanche sobre nós.

A hora transcorreu sem que mudasse nossa situação. Quando divisávamos o ponto culminante da costa, o carro sofreu um violento abalo e levou um solavanco tal que pouco faltou para se chocar contra uma parede de terra na estrada. Simultaneamente, uma imensa onda se inflou atrás de nós e engoliu a estrada, formando um enorme buraco, e por último, rompeu sobre o carro, que ficou rodeado de espuma. Seria esse o nosso fim? Tragados pela água? Não! Afortunadamente, a água retirou-se, borbulhante, enquanto o motor, apurando suas forças de repente, aumentou a velocidade. Qual seria a causa desse brusco aumento de velocidade? Um grito de Ana Raleigh fez-nos saber: tal como a pobre mulher acabava de comprovar, seu marido já não estava mais agarrado ao carro. Evidente que a sacudida do veículo havia atirado o infeliz fora dele, e

por esse motivo, agora sem lastro, escalava com maior facilidade. De repente, o carro se deteve abruptamente.

- O que aconteceu? - perguntei a Simonat - Alguma avaria?

Até em circunstâncias semelhantes, o orgulho profissional fez valer seus direitos; Simonat sacudiu os ombros com indiferença, querendo significar, desse modo, que havia algo que um motorista da sua categoria não podia resolver, e alçando silenciosamente a mão, assinalou a estrada. Compreendi então o motivo da parada. A menos de dez metros de nós, a estrada estava cortada. "Cortada" era a palavra exata, pois parecia cortada com uma faca. Mais adiante de uma abertura que a interrompia repentinamente, surgia um vazio, um tenebroso abismo em cujo fundo não era possível vislumbrar nada.

Demos a volta, transtornados e convencidos de que a nossa última hora havia chegado. O oceano que estava nos perseguindo até essa altura iria alcançar- nos necessariamente em alguns segundos.

Todos, exceto a pobre Anna e suas filhas, que choravam de tal maneira que partia o coração, lançamos um grito de surpresa. Não, a água não havia continuado seu movimento ascendente, ou mais exatamente, a terra havia deixado de afundar-se. Sem dúvida, a tremenda sacudida que acabávamos de sofrer havia sido a última manifestação de aquele fenômeno. O oceano deteve sua marcha, e seu nível estava agora próximo dos cem metros abaixo do local onde estávamos agrupados em torno do automóvel, que ainda se estremecia, semelhante a um animal sufocado, após a veloz carreira.

Seria possível escapar daquele terrível momento?

Não o saberíamos até a chagada de um novo dia. Por enquanto, só nos restava esperar. Um atrás do outro, deitamo-nos no chão. E, Deus me perdoe, adormeci!...

3. Destas palavras, podemos deduzir que, no momento em que este diário foi escrito, o sistema solar compreendia oito planetas, e o homem descobriu um ou mais de um, além de Netuno. (Nota do autor)

A noite

Acordei sobressaltado por um ruído formidável. Que horas são? Não sei. De qualquer maneira, continuamos rodeados pelas trevas da noite. A única certeza que tinha era a de saber que estávamos sobre terra firme. O barulho procede do impenetrável abismo que se tinha formado com o afundamento da estrada. O que ocorre? Juraria que ali caíam enormes cataratas de água e gigantescas ondas que se chocavam; naturalmente era isso, porque chegavam até nos algumas borbulhas de espuma e respingos de água vindos do mar.

Logo depois, pouco a pouco, renasce a calma... O silêncio volta a reinar no lugar... O céu empalidece... Começa a despontar o dia...

25 de maio

A lenta revelação da verdadeira situação constitui um suplício! De início, podiam-se distinguir apenas os arredores mais imediatos; pouco depois, o círculo cresceu continuamente, como se nossa esperança, cada vez mais decepcionada, houvesse levantado, um após o outro, um infinito número de véus; finalmente, a plena luz acabou com nossas ilusões.

Nossa situação é sumamente simples e pode-se descrever em poucas palavras: estamos completamente ilhados. Por todas as partes nos rodeia o mar. Ainda ontem, conseguiria divisar todo um oceano de montanhas, entre as quais a que mais se realçava era exatamente aquela em que agora nos encontramos. Todos tinham desaparecido, enquanto, por motivos que nunca conheceremos, o nosso cume, aquele que alcançamos, deteve sua queda, ficando rodeado por um enorme tapete de água sem limites. De todos os lados que olhássemos, havia unicamente mar.

Ocupamos o único ponto sólido do enorme círculo descrito pelo horizonte. Bastou apenas dar uma ligeira olhada para reconhecer, em toda a sua extensão, a ilha onde, por uma sorte extraordinária, conseguimos encontrar refúgio. É de pequeno tamanho, de fato, mil metros de comprimento longitudinal, no máximo, e quinhentos no outro sentido. Seu cume se eleva a uns cem metros sobre o nível do mar, unindo-se com o Norte, o Oeste e o Sul por um declive bastante suave. Pelo lado contrário, para o Leste, a ilha termina em um escarpado que cai em precipício até o oceano. Nossos olhos voltaram-se especialmente em direção àquele lado. Naquela direção, deveríamos ver montanhas escalonadas, e mais além, todo o México. Que mudança enorme no lapso de uma breve noite de primavera! As montanhas tinham desaparecido, o México foi tragado pelas águas do mar! Em seu lugar, um deserto infinito, o árido deserto do mar! Olhamo-nos, aterrorizados pelo espanto. Encurralados, sem alimentos nem água, sobre esta estreita, deserta e nua rocha, não podíamos nem era possível manter a mínima esperança de sobrevivência. Resignados, deitamo-nos no solo e começamos a esperar lentamente pela morte.

A bordo do Virginia, 4 de junho

O que aconteceu durante os dias seguintes? Não consigo me lembrar de nada! Suponho que, finalmente, deva ter perdido a consciência; lembro apenas que recuperei o sentido a bordo de um barco que nos recolheu. Somente então tomei conhecimento de que havíamos ficado dez dias completos naquela pequena ilha que se havia formado, e que dois dos nossos, Williamson e Rowling, haviam morrido por causa da sede e da fome. Das quinze pessoas que se encontravam na minha casa quando ocorreu o cataclismo, apenas nove ficaram: meu filho Jean e minha pupila Helen, meu motorista Simonat, desconsolado com a perda do veículo, Ana Raleigh e suas duas filhas, os doutores Bathurst e Moreno e, finalmente, eu, que me apressei em redigir estas linhas para conhecimento e instrução das futuras gerações, admitindo-se que venham a existir.

Virgínia é o nome do navio em que viajamos. Um navio de propulsão mista, tanto podia navegar a velas como a vapor, com aproximadamente duas mil toneladas de peso, destinado ao transporte de mercadorias. É um navio bastante velho, medíocre e lento. O capitão Morris tem, sob seu comando, vinte homens, todos ingleses.

Há aproximadamente um mês, o *Virgínia* zarpou, sem carga nenhuma, de Melbourne com destino a Rosário. Nenhum contratempo marcou a viagem, com exceção da noite de 24 para 25 de maio, quando sentiram uma série de ondas vindas do fundo do mar com uma altura prodigiosa, mas com longitude proporcionada, o que as tornava inofensivas. Essas ondas, por estranho que parecesse, não deram qualquer motivo de suspeita ao capitão do cataclismo que estava ocorrendo naquele mesmo instante. No entanto, ele ficou muito surpreso ao encontrar mar no local onde esperava avistar Rosário e a costa mexicana. Dessa costa restou apenas uma pequena ilha. Um pequeno barco do *Virgínia* abordou essa ilhota, onde foram encontrados onze corpos inertes. Dois deles já eram cadáveres; os restantes foram embarcados. Foi assim que fomos salvos.

Em terra; janeiro ou fevereiro

Um intervalo de oito meses separa as linhas anteriores destas que agora escrevo. Faço-as em janeiro ou fevereiro, na impossibilidade de ser mais preciso, pois não tenho nem a mais remota noção do tempo que passou. Esses oito meses constituem o período mais cruel das nossas provas, período em que, por graus, cruelmente dossificados, conhecemos a exata magnitude da desgraça.

Logo que fomos salvos, o *Virgínia* seguiu sua rota a todo o vapor em direção ao Leste. Quando voltei a mim, a ilhota onde estivemos a ponto de perecer havia ficado atrás do horizonte, já há muito tempo. Conforme indicaram as medições e os cálculos feitos pelo capitão a céu claro, estávamos navegando exatamente sobre o lugar onde devia existir o Estado do México. Porém, nada restou dele: do mesmo modo que, durante meu desvanecimento, não haviam encontrado as montanhas centrais; agora não se avistava nenhum tipo de elevação e nem qualquer sinal de terra, firme por mais distante que alcançasse a vista. Para qualquer lado que se olhasse somente, se podia ver o imenso e infinito mar.

Nessa constatação, existia algo verdadeiramente enlouquecedor. Sentíamos a sensação de estar perdendo a razão. Como poderia ter acontecido isso? Todo o México completamente submerso sob as águas de um enorme oceano! Cruzamos olhares de espanto, perguntando-nos até aonde haveriam chegado os estragos da horrível hecatombe.

O capitão quis se assegurar disso,, mudando o rumo do navio e navegando em direção ao Norte. Sim! Definitivamente, o México havia desaparecido! Resultava inadmissível que igual sorte houvesse ocorrido com todo o continente americano; apesar da alteração de rota, nada de novo nos foi possível avistar.

Durante doze dias navegamos, em vão, em direção ao Norte, sem encontrar terra; o mesmo aconteceu após darmos meia-volta completa e dirigirmo-nos para o Sul durante mais ou menos um mês. Finalmente, após varias tentativas de encontrar terra firme, vimo-nos forçados a render-nos diante da evidência, por mais aterradora que parecesse: sim! O continente americano havia sucumbido na sua totalidade sob o imenso mar! Teríamos sobrevivido tão somente para conhecer, uma vez mais, os tormentos da agonia? Realmente, tínhamos

suficientes motivos para acreditar nisso! Sem mencionar os alimentos, que, mais cedo ou mais tarde, faltariam. Este era mais um perigo iminente que nos ameaçava: e que seria de nós quando o carvão, esgotado, detivesse o andar das máquinas? Seria como quando o coração de um animal deixa de latir. Por esse motivo, no dia 14 de julho, quando nos encontrávamos próximos da suposta localização de Buenos Aires, o capitão Morris ordenou que se apagassem as caldeiras e fossem içadas as velas. Imediatamente, reuniu todo o pessoal do *Virgínia*, tanto a tripulação como os passageiros, para expor, em poucas palavras, a nossa verdadeira situação, pedindo a todos que refletíssemos com consciência e propuséssemos possíveis soluções na próxima reunião, que seria realizada no dia seguinte.

Ignoro se algum dos meus companheiros de infortúnio deu alguma boa sugestão mais ou menos engenhosa. Da minha parte, devo confessar que vacilava, muito confuso, sem saber qual seria a melhor decisão a ser tomada, quando, inesperadamente, uma tremenda tempestade noturna acabou com as dúvidas; fomos obrigados a mudar nosso rumo para o Oeste, arrastados por um vento desenfreado a ponto de estarmos continuamente sob a ameaça de sermos engolidos a qualquer momento por um mar enfurecido.

O furacão durou trinta e cinco dias, sem que amainasse um só minuto e nem mesmo desse qualquer sinal de deter-se. Começávamos a perder a esperança de que algum dia terminaria esse suplício, quando repentinamente, no dia 19 de agosto, voltou o bom tempo, tão prontamente quanto tinha terminado antes. O capitão aproveitou para identificar nossa situação, e seus cálculos deram-lhe este resultado: estávamos a 40 graus de latitude Norte e a 114 graus de longitude Leste. Essas eram, sem dúvida, as coordenadas de Pequim!

Significava que havíamos passado sobre a Polinésia, e provavelmente, pela Austrália sem ter o menor conhecimento disso, e mais, que nesse momento, navegávamos por uma área onde antes se estendia a capital de um grande e poderoso império de mais de quatrocentos milhões de almas!

A pergunta que cabia fazer-se era: Haveria sofrido a Ásia a mesma sorte que a América? Logo não restaram mais dúvidas a respeito. O *Virgínia* continuou sua rota em direção sudoeste na altura do Tibet, portanto, da cordilheira do Himalaia. Ali deveriam elevar-se as montanhas mais altas do planeta. Pois bem, em todas as direções que olhávamos, nada emergia da superfície do oceano. Era como se sobre

a terra já não existisse outro ponto sólido, a não ser a pequena ilhota que nos salvou. Seríamos os únicos sobreviventes daquela catástrofe? Os últimos habitantes de um mundo enterrado na mortalha movediça do mar? Se assim fosse, certamente não teríamos muito tempo; logo pereceríamos.

Apesar de um racionamento severo, os alimentos que mantínhamos a bordo esgotavam-se efetivamente, dia após dia. O mais angustiante era saber que não existia a menor esperança de poder renová-los. Abrevio o relato desta angustiante travessia, pois se para relatá-la em detalhe fosse necessário revivê-la dia após dia, a lembrança daqueles terríveis momentos me enlouqueceria. Por estranhos e terríveis que possam parecer os acontecimentos anteriores e posteriores àquela travessia e por mais incerto e angustiante que me pareça o futuro, que certamente não chegarei a ver, foi no transcurso dessa navegação infernal que conhecemos o maior de todos os horrores.

Essa eterna carreira num mar sem fim! Esperar cada novo dia poder encontrar algum ponto onde poder desembarcar e ver o fim da nossa angustiada viagem! Passar dias e noites debruçados sobre mapas, onde os homens haviam gravado as sinuosas linhas das costas, e constatar que nada, absolutamente nada, havia restado desses lugares que supúnhamos eternos! Imaginar que a terra palpitava de inumeráveis vidas, que milhões e milhões de pessoas e animais percorriam-na em todas as direções ou sulcavam os ares, e que tudo isso deixou de existir ao mesmo tempo, que todas essas vidas se apagaram juntas e de uma só vez, como uma leve chama ao sopro do vento!

Buscar sobreviventes por toda a parte era buscar em vão!

Passo a passo, tivemos a certeza de que nada vivo existia ao nosso redor, e gradualmente, íamos tomando consciência da nossa solidão em meio a um universo impiedoso!

Se encontrei as palavras certas para expressar toda a nossa angústia? Não sei. Em nenhum idioma devem existir termos apropriados para semelhante calamidade.

Após ter explorado o mar onde antes fora a península da Índia, tomamos a direção Norte durante dez dias. Depois, rumamos para Oeste; as circunstâncias em que nos encontrávamos não mudaram absolutamente nada. Atravessamos a cordilheira dos Urais, transformada em montanhas submarinas, navegamos sobre o que, numa época não muito distante, havia sido a Europa. Logo descemos

para o Sul, até os vinte graus abaixo do Equador. Cansados e exaustos da inútil busca, retomamos o rumo na direção Norte. Até chegar aos Pirineus, atravessamos uma enorme extensão de água que cobria todo o continente africano e a Espanha. Na verdade, começávamos a nos habituar ao nosso horror. Na medida em que avançávamos, registrávamos nossa rota sobre os mapas e exclamávamos: "Aqui estava Moscou... Varsóvia... Viena... Berlim... Roma... Tunísia... Tombuctu... São Luís... Oran... Madrid...", cada vez com uma crescente indiferença, e amparados pelo hábito, chegamos a pronunciar essas palavras sem emoção, quando, na verdade, eram sumamente trágicas. Não obstante, eu, pelo menos, não tinha esgotado a minha capacidade de sofrimento. Tomei conhecimento disso um dia, que seria aproximadamente onze de dezembro, quando o capitão Morris me disse: "Aqui debaixo de nós estava Paris" Diante de tais palavras, senti que me arrancavam o coração. Que o mar houvesse engolido todo o universo! Mas a França... A minha França!... E minha amada Paris, que a representava, não conseguia aceitá-lo! Ao meu lado, ouvi um soluço. Dei meia-volta; era Simonat, chorando.

Continuamos a navegar rumo ao Norte ainda por mais quatro dias; chegamos à altura onde antes tinha existido Edimburgo e logo descemos rumo ao Sudoeste, buscando a Irlanda; nada mudou absolutamente; depois rumamos para o Leste... Para dizer a verdade, errávamos ao acaso, já não existiam maiores motivos para tomar uma direção em vez de outra. Passamos por cima de Londres, cuja líquida sepultura foi saudada por toda a tripulação. Cinco dias mais tarde, estávamos na altura de Dantzig, quando o capitão Morris ordenou dar um giro completo e rumar para o Sudoeste. O timoneiro obedeceu passivamente. O que importava? Em qualquer outra direção, veríamos exatamente a mesma paisagem: água, somente água!

Completaram-se nove dias de navegação por essa rota, quando comemos nossos últimos biscoitos. Cruzando olhares de espanto, escutamos o capitão Morris dar ordem para que se acendessem novamente as caldeiras do navio. "Que ideia o capitão teria em mente?", perguntei-me. Mesmo surpreso, a ordem foi obedecida, e rapidamente, a velocidade do navio aumentou.

Dois dias mais tarde, a fome já nos atormentava cruelmente. Passados mais dois dias, a maioria de nós se negava obstinadamente a levantar-se; contávamos apenas com o capitão, Simonat, eu e mais alguns tripulantes, para poder proporcionar a energia necessária

para manter o navio no rumo.

No dia seguinte, quinta jornada em jejum, o número de timoneiros e maquinistas dispostos a continuar com suas tarefas estava ainda mais reduzido. Em vinte e quatro horas, já ninguém tinha forças suficientes para se manter em pé. Havia mais de sete meses que estávamos navegando, sulcando os mares em todas as direções. Devia ser, acredito, dia oito de janeiro. Digo "acredito" diante da impossibilidade em que me encontro de ser mais preciso, já que, para nós, naqueles momentos, o calendário havia perdido completamente seu valor. Foi na manhã desse dia que, sustentando o controle do timão e esforçando-me para manter o rumo do navio com a máxima atenção e já quase desfalecendo, acreditei estar divisando uma enorme sombra escura na direção Oeste. Pensei estar sendo vítima de um jogo ilusório ou de uma miragem; abri meus olhos ao máximo e... Não, não estava confuso! Lancei um verdadeiro rugido, rápido, aferrando-me ao timão e exclamei a todo o pulmão: "Terra a estibordo!".

Que mágico efeito causaram essas poucas palavras! Todos os moribundos ressuscitaram ao mesmo tempo, e seus rostos macilentos irromperam sobre a varanda de estibordo. "Sim, é terra!", disse o capitão Morris, após ter reparado numa nuvem que se alçava no horizonte. Meia hora depois, não havia mais dúvida: o que encontráramos em pleno Oceano Atlântico era terra, a mesma que ficamos procurando em vão por todas as distâncias, atravessando todos os antigos continentes!

Por volta das três da tarde, por fim, distinguimos com detalhe o litoral que nos impedia a passagem e sentimos reviver nossas esperanças. Realmente, esse litoral não se assemelhava a nenhum outro, e ninguém, entre nós, se lembrava de ter visto algo semelhante naquelas coordenadas, tão selvagem e estranho.

Na terra tal como a conhecera antes da tragédia, o verde era a cor que mais abundava. Nenhum de nós se lembrava de ter visto antes uma costa tão deserdada, uma região tão árida que não existisse sinal de arbustos, plantas, ervas ou simplesmente algumas amostras de líquen ou musgo. Não existia nada disso. Somente se vislumbrava um imponente alcantilado enegrecido. Ao pé, jazia um caos de pedras rochosas, sem uma única planta ou um fio de erva. Era a mais total e absoluta desolação que jamais poderíamos imaginar. Costeamos todo o alcantilado abrupto durante dois dias, sem encontrar nele a menor abertura. Próximo do anoitecer do segundo dia, encontramos uma

ampla baía, bem-protegida contra todos os ventos marinhos, onde ancoramos o navio.

Logo ao chegar à costa, em pequenos barcos, nossa primeira preocupação foi procurar por alimentos. A praia encontrava-se toda coberta de tartarugas; havia milhares de mariscos. Nos recôncavos dos arrecifes avistam-se fabulosas quantidades de caranguejos, mexilhões, lagostas, camarões, sem mencionar a enorme quantidade de peixes. Evidentemente que um mar povoado tão ricamente, na falta de outros recursos, nos permitiria subsistir durante um tempo ilimitado. Depois de estarmos todos já alimentados e de termos recobrado nossas forças, encontramos uma entrada através do alcantilado que nos permitiu alcançar o planalto, onde descobrimos uma ampla extensão de terreno. O aspecto da costa não havia enganado: por toda parte e em todas as direções, não havia nada além de rochas áridas, cobertas de algas e fungos, quase todos ressecados, e nenhum um fio de erva; resumindo, não se podia ver nada com vida, tanto na terra como nos ares. Em vários lugares podiam se avistar pequenos lagos que brilhavam sob os raios do sol. Rapidamente nos dirigimos a um deles para poder acalmar nossa sede e descobrimos o pior: a água era salgada! A bem da verdade, isso não foi nenhuma surpresa. Confirmava-se aquilo de que já suspeitávamos desde o começo, quando desembarcamos: esse continente desconhecido havia nascido ontem e emergido das profundezas do mar num só bloco. Isso explicava tanto sua aridez quanto sua espessa camada de barro distribuída de modo uniforme, que após a evaporação, começava a quebrar-se e a transformar-se em pó, com uma total e perfeita solidão.

Ao meio-dia do dia seguinte, o capitão Morris fez as medições geográficas, que marcaram 17 graus e 20 minutos de latitude Norte e 23 graus e 55 minutos de longitude Oeste. Quando essas marcas foram transferidas para o mapa, confirmou-se claramente que estávamos no meio do mar, exatamente na altura do que antes era o Cabo Verde. Não obstante, agora a terra ia para o Oeste e o mar, para o Leste, estendendo-se até aonde a vista podia alcançar. Por ingrato e inóspito que fosse o novo continente onde havíamos desembarcado, fomos forçados a nos preparar para uma nova vida nele. Por esse motivo, começou a descarga do *Virgínia*, sem demora e sem nenhum tipo de seleção.

Subimos ao planalto com tudo o que havia no navio, porém, antes da escalada, o amarramos firmemente por meio de quatro âncoras a

quinze braças de profundidade. Nessa quieta baía onde ficou, não corria nenhum perigo; podíamos deixá-lo em total segurança e sem inconvenientes.

Tão logo terminamos o desembarque, começamos nossa nova vida. Em primeiro lugar, era necessário... *(Ao chegar a este ponto da tradução, o zartog Sofr, viu-se obrigado a interrompê-la. O manuscrito mostrava uma primeira falha, sem dúvida, comentários muito importantes, em virtude do grande número de páginas afetadas. Essa falha se repetia em outras várias ocasiões, ainda mais consideráveis pelo que era possível apreciar. Apesar da proteção do estojo, era evidente que grande quantidade de páginas foi afetada pela umidade; em consequência disso, sobraram apenas alguns fragmentos mais ou menos extensos, cujo contexto estava destruído para sempre. O documento continuava na seguinte ordem:)* ... começamos a aclimatar-nos.

Quanto tempo faz que desembarcamos nesse litoral? Não consigo me lembrar. Perguntei ao doutor Moreno, que levava um calendário dos dias transcorridos. Respondeu-me: "Seis meses, mais ou menos", pois não estava muito seguro e temia estar enganado. A esse ponto chegamos! Em somente seis meses, desconfiávamos de não ter medido o tempo com exatidão! Ademais, nossa negligência não deve assombrar, uma vez que utilizávamos toda a nossa atenção e atividade para conservar a vida. Quais seriam nossos alimentos? Peixes unicamente e alguns crustáceos, isso quando os encontrávamos, o que ficava mais difícil cada dia que passava, pois nossa incessante perseguição os afugentava. Também comemos ovos de tartaruga e algumas algas comestíveis. Chegamos à noite satisfeitos, mas exaustos, pensando somente em dormir.

Com as velas do *Virgínia*, improvisamos tendas. Decidimos construir um abrigo mais sólido. De vez em quando, apanhamos algum pássaro: a atmosfera não está tão deserta como imaginávamos no início; uma dezena de espécies conhecidas tem aparecido nesse novo continente. São aves que percorrem longas distâncias: andorinhas, albatrozes e algumas outras. Suponho que não devem encontrar alimento nessa terra desprovida de vegetação, pois não cessam de voar por cima do nosso acampamento, procurando as sobras de nossas miseráveis refeições. Às vezes apanhamos alguma, que teria de morrer de fome seguramente, o que nos permitia economizar pólvora e balas de fuzil. Afortunadamente, existe a possibilidade de nossa situação não ser tão ruim. Na adega do *Virgínia*, encontramos um saco de trigo e semeamos

a metade. O trigo trará uma importante melhora à nossa pequena comunidade, quando germinar. Será que germinará? O solo está coberto por uma espessa camada de aluvião, um lodo arenoso enriquecido por algas em decomposição. Por mais pobre que seja sua qualidade, não deixa de ser húmus. Quando desembarcamos, o solo encontrava-se impregnado de sal; mas, a partir de então, a superfície tem sido lavada por chuvas continuadas, e agora, todas as depressões estão cheias de água doce. Não obstante, a camada de aluvião que está desprovida de sal é de uma espessura muito fina: os lagos e rios que começam a se formar ainda são muito salobros, o que demonstra que o terreno está saturado de sal. Para semear o trigo e conservar em reserva a outra metade, tivemos de recorrer à força bruta, pois uma parte da tripulação do *Virgínia* queria fazer pão imediatamente. Vimos- nos obrigados a...

...que levávamos a bordo do *Virgínia*.

Os dois casais de coelhos refugiaram-se no interior, e deixamos de vê-los. É de se supor que deverão ter encontrado como se alimentar. Portanto a terra, apesar da nossa desconfiança, deve ser produtiva; se assim for acreditamos irão reproduzir-se...

...pelo menos há dois anos que estamos aqui... O trigo cresceu formidavelmente. Temos pão à vontade para nos alimentar a todos. Nossos campos estão cada vez mais extensos, porém estamos numa constante luta contra as aves! Multiplicaram-se muito especialmente ao redor das nossas plantações...

...apesar das mortes a que me referi acima, nossa pequena tribo não se reduziu, pelo contrário, aumentou. Meu filho e minha pupila têm três filhos, e cada um de nós três, outros tantos. Todas essas crianças são cheias de saúde. Pode-se ver que a raça humana possui um vigor maior, uma vitalidade mais intensa, desde que seu número foi diminuindo.

Entretanto que motivos...

... aqui neste lugar já faz dez anos, e nada sabemos sobre o continente. Somente conhecemos a área situada num raio de uns dez quilômetros em torno do local onde desembarcamos.

Quem nos fez passar vergonha da nossa indiferença foi o Dr. Bathurst: por causa de sua insistência, equipamos o *Virgínia*, que nos levou para uma viagem de reconhecimento que durou seis meses. Regressamos ontem. A viagem durou mais do que imaginávamos, pois queríamos que fosse completa. Percorremos todo o contorno do

continente, e tudo nos leva a crer que nossa ilhota era a única parcela sólida existente sobre a superfície do globo. Todas as suas margens nos pareceram semelhantes, ou seja, muito ásperas e selvagens.

Durante nossa expedição, realizamos numerosas incursões ao interior: esperávamos encontrar vestígios dos Açores ou da Ilha da Madeira, localizadas, antes da hecatombe, no oceano Atlântico, e que necessariamente deviam fazer parte do novo continente. Não encontramos nem o mais leve vestígio delas. Só o que pudemos comprovar foi que o solo estava removido e coberto por uma grossa camada de lava, ali, onde estiveram essas ilhas, que já foram cenário de violentos fenômenos vulcânicos...

...para nosso assombro, não encontramos o que queríamos, mas o que não queríamos! Na altura dos Açores, meio enterrados na lava, apareceram, diante de nós, provas de um trabalho humano, mais não do trabalho dos moradores dos Açores, nossos contemporâneos de ontem. Eram restos de colunas de cerâmica de um tipo muito diferente das que jamais tínhamos visto antes. O doutor Moreno, examinando-as, manifestou sua opinião de que tais restos seriam provenientes da antiga Atlântida e de que a ação do fluxo vulcânico as teria trazido à luz do dia. É provável que o doutor Moreno tenha razão. Efetivamente, no caso de ter existido de fato a antiga Atlântida, estaria ocupando, aproximadamente, o lugar do novo continente. Em tal caso, a sucessão de três humanidades sem qualquer relação entre si seria fato inusitado. Como quer que seja, devo admitir que não é da minha incumbência: já temos bastante o que fazer no presente e não devemos nos preocupar com o passado.

Quando voltamos ao nosso acampamento, observamos com muita clareza nossas imediações; comparadas com as do resto da região que investigamos, parecia uma zona bastante privilegiada em relação ao verde, que foi tão abundante na natureza do passado e que hoje, aqui, não é tão frondoso, mas é possível observar grandes zonas esverdeadas, enquanto no resto do continente esse colorido foi suprimido.

Não tínhamos consciência dessa observação até esse momento, mas o fato é inegável. Ervas que não existiam no momento da nossa chegada, agora brotando fartamente ao nosso redor, pertencem a um número muito reduzido das espécies mais vulgares, cujas sementes, claro, teriam sido trazidas até aqui pelas aves.

Não se afirma que não haja mais vegetação do mundo anterior, a

não ser essas poucas espécies antigas. Pelo contrário, graças a um trabalho de adaptação, existe uma vegetação em estado provisório, se bem que rudimentar, sobre todo o continente. A maioria das plantas marinhas que o cobriam morreu quando ele surgiu das águas, debaixo da luz do sol e do calor escaldante. Não obstante, algumas sobreviveram por entre os lagos que se formaram após o surgimento, e pouco a pouco, foram se ressecando, pelo intenso calor. Entretanto, nessa nova época, começaram a nascer rios e córregos, muito propícios para vida dos fungos, das algas e de outras plantas marinhas, uma vez que suas águas ainda eram salgadas. Quando a superfície e as camadas mais profundas do solo ficaram privadas do sal, a água tornou-se doce e a maioria dessas plantas foi destruída, ou seja, desapareceu. Apenas uma pequena quantidade delas adaptou-se às novas condições de vida, prosperou e cresceu na água doce da mesma forma que fez na água salgada. Esse fenômeno não se deteve aqui: algumas plantas, dotadas de um maior poder de adaptação, cresceram proliferando-se ao ar livre, adaptando-se as novas condições climáticas, e com maior capacidade de acomodação, foram aparecendo primeiramente sobre os córregos e, pouco a pouco, avançando para o interior do novo continente.

Ficamos surpresos ao ver a grande transformação dessas matérias viventes, e foi possível constatar como se modificavam suas formas ao mesmo tempo que mudava o seu funcionamento fisiológico. Alguns talos já se erguiam para o céu. Poder-se-ia prever que, em alguns dias, uma nova flor completa seria criada, e se estabeleceria uma luta entre as espécies novas e as provenientes da antiga ordem das coisas. Tudo aquilo que sucede com a flora sucede também com a fauna. Às margens das correntes de água, é possível observar antigos animais marinhos, moluscos e crustáceos na sua maioria, num processo de transformação e adaptação para um mundo terrestre...

...o ar encontra-se repleto de estranhos peixes voadores, mais próximos das conhecidas aves do que dos antigos peixes, cujas asas cresceram enormemente e cuja cauda traseira encurvada lhes possibilita...

(O último fragmento estava intacto e continha o final do manuscrito.)

...todos velhos. O capitão Morris morreu. O doutor Bathurst completou sessenta e cinco anos, o doutor Moreno já completou sessenta, e eu, sessenta e oito. Em pouco tempo, deixaremos de existir. Mas antes disso, é preciso completar a tarefa que tínhamos nos

proposto, enquanto nos for possível, para poder, dessa forma, auxiliar as futuras gerações na grande luta que as aguarda.

Entretanto, pergunto-me qual será o futuro dessas novas gerações que virão. Verão a luz? Poderão chegar ao nível de inteligência que os meus antepassados chegaram? Estou tentando me responder a mim mesmo que sim, levando em consideração unicamente a multiplicação dos meus semelhantes: as crianças brincam ao nosso redor sob o amparo desse clima saudável...

...nessa terra onde os animais ferozes são desconhecidos...

...A longevidade é grande...

...A nossa colônia triplicou-se...

Contrariamente, juraria que não, se pensasse na profunda decadência intelectual dos meus companheiros de infortúnio. Nosso pequeno grupo de naufragos reunia todas as condições favoráveis para tirar proveito do saber humano: contava com um homem particularmente enérgico, o capitão Morris, morto atualmente, um dos homens mais cultos que a média dos outros, com meu filho, comigo e com dois sábios autênticos: o doutor Bathurst e o doutor Moreno. Com semelhante equipe, poderia ter sido feito algo. Nada se fez, além da preservação da nossa vida material, desde o começo, e isso ainda é nossa única e principal preocupação. Como num princípio, utilizamos nosso tempo à procura de alimentos e, à noite, caímos extenuados num profundo sono. Desafortunadamente, está cada vez mais claro que a humanidade, da qual somos seus únicos representantes, vai caminhando para uma regressão veloz e tende a assemelhar-se aos animais.

Entre os tripulantes do *Virgínia*, algumas pessoas já se esqueceram das boas maneiras, da educação, da cultura adquirida em outros tempos. Os traços de animalidade têm se manifestado muito rapidamente; sobressaíram primeiro no meu filho e em mim: já não nos lembramos do que sabíamos; o doutor Bathurst e o doutor Moreno também deixaram de exercitar seus cérebros. Poder-se-ia dizer que nossa vida cerebral ficou completamente suprimida. Afortunadamente, fizemos, há muitos anos, a navegação desse continente. Hoje, não teríamos a coragem necessária para fazê-lo, e além do mais, quem comandaria tal travessia? O capitão Morris morreu; do mesmo modo, morreu de abandono o *Virgínia*, que nos transportou até aqui.

No começo da nossa vida aqui, iniciamos a construção de casas.

Construções que jamais terminamos hoje transformadas em verdadeiras ruínas. Dormimos sobre a terra, em todas as estações do ano. Faz muito tempo que ficamos sem vestimentas para cobrir-nos. Durante alguns anos, fomos ajeitando as roupas que tínhamos durante nossa travessia, aproveitando-as da melhor maneira, e aos poucos, substituindo-as por algas tecidas de uma maneira bastante engenhosa no início, e depois de forma cada vez mais grosseira. Com o aumento do nosso grupo e sem tecidos ou fibras para confeccionar novas vestimentas, não demorou muito para ficarmos cansados desse esforço, que a docilidade do clima tornou desnecessário e supérfluo: passamos a viver nus como os que, antigamente, chamávamos de selvagens.

Comer, comer, esse é nosso constante objetivo, nossa única e exclusiva preocupação. Apesar disso, ainda subsistem alguns restos das nossas antigas ideias e sentimentos. Meu filho Jean, homem já maduro, avô, não perdeu todo o sentimento afetivo. Modesto Simonat, meu ex-motorista, conserva uma vaga lembrança de que alguma vez eu fui seu patrão. Entretanto, em todos nós ficarão vagas lembranças dos homens que um dia fomos, pois, na realidade, já não somos aqueles homens, e essas vagas lembranças terminarão por desvanecer-se para sempre. Nossos descendentes que vierem a nascer aqui não

conhecerão outra existência diferente. A humanidade ficará irremediavelmente reduzida a esses adultos. Enquanto escrevo este diário, posso ver alguns deles diante dos meus olhos: pessoas que não sabem ler nem contar, apenas sabem falar. Essas crianças de dentes afiados, que mais parecem ser enormes estômagos insaciáveis. Depois deles, virão outros adultos e outras crianças, cada vez mais semelhantes aos animais e cada vez mais afastados dos seus antepassados pensantes. Imagino estar vendo aqueles seres do futuro, que desconhecem a linguagem articulada, sua inteligência extinta, seus corpos recobertos de grossos pelos, perambulando por esse triste deserto. Pois bem! Queremos evitar que assim seja. Faremos tudo o que estiver ao nosso alcance para que as conquistas da humanidade a que pertencemos não se percam para sempre. O doutor Moreno, o doutor Bathurst e eu avivaremos nossos cérebros intumescidos, obrigando-os a recordar o que um dia souberam. Dividindo o trabalho neste papel e com esta tinta proveniente do *Virgínia*, enumeraremos todos

os nossos conhecimentos, nas diferentes categorias da ciência, com a finalidade de que: mais adiante, os homens, em caso de sobreviverem a esse período semisselvagem mais ou menos longo, quando sentirem renascer dentro deles a vontade do conhecer, encontrem esse resumo do trabalho que fizeram seus antecessores. Então, poderão abençoar a memória daqueles outros irmãos que, mesmo sem conhecê-los, se esforçaram para abreviar o doloroso caminho dos irmãos que virão.

À BEIRA DA MORTE

Faz aproximadamente quinze anos que foram escritas as linhas precedentes. O doutor Bathurst e o doutor Moreno morreram. De todos nós que desembarcamos neste continente, sou praticamente o único que ficou e um dos mais velhos. Logo a morte virá me alcançar também. Sinto-a subindo desde meus frios pés até meu coração, que está parando. Nosso trabalho chegou ao seu fim. Guardei os manuscritos, que contêm o resumo de toda a ciência humana, numa caixa de ferro que desembarcamos do *Virgínia*, e enterrei-a muito fundo no solo. Com ela enterrei também várias páginas enroladas num estojo de alumínio.

Será encontrado um dia este legado entregue à terra?

Será procurado por alguém?

Depende do destino...! De Deus...!

Enquanto o zartog ia traduzindo o curioso documento, uma espécie de horror oprimia sua alma. Isso significava que a raça dos Andart-Iten-Schu descendia daqueles homens que, logo após terem percorrido durante longos meses os oceanos desertos, haviam encalhado finalmente nesse local da costa onde agora se erguia Basidra? Ou seja, essas criaturas miseráveis haviam pertencido a uma humanidade esplendorosa, da qual a humanidade atual apenas conservava uma lembrança muito longínqua! E o que teria ocorrido para que a ciência, o conhecimento e até a memória desses povos tão poderosos fossem completamente abolidos, e para sempre? A resposta é:

Nada mais do que um imperceptível estremeamento da crosta terrestre.

É uma fatalidade irreparável que todos esses manuscritos, registrados no documento, onde supostamente

estariam registrados todos os avanços alcançados por aquela civilização dos nossos antepassados tenham sido destruídos junto com a caixa de ferro que os continha! Por mais grave que fosse essa fatalidade, era impossível conservar alguma esperança, pois os operários, com o objetivo de poder cavar os alicerces daquela enorme construção, haviam removido todo o solo de cima para baixo. O resultado é evidente: o ferro se corrompera com o passar do tempo, enquanto o estojo de alumínio manteve-se intacto com o passar dos anos. Agora não faltavam mais elementos para que o otimismo de Sofr desaparecesse completamente. Se o manuscrito não continha muitos detalhes técnicos, era, pelo menos, abundante em indicações gerais, e mais ainda, provava de maneira contundente que a humanidade dos tempos passados tinha avançado, em busca dos caminhos da modernização, mais do que esta atual o fez.

Daquela relato constava tudo: os conhecimentos que Sofr tinha adquirido e outros que jamais houvera podido imaginar: Até a explicação do nome de Hedom, sobre o qual tanta polêmica teria sido desenvolvida! Hedom era uma deformação de Éden, que por sua vez, era uma deformação de Adão, que por sua vez, seria outra deformação de algum outro nome de civilizações mais remotas. Hedom, Éden, Adão é o perpétuo simbolismo do primeiro e eterno homem; é também uma explicação de sua aparição sobre a terra. Por certo, Sofr estava enganado ao negar a descendência do seu antepassado, cuja realidade encontrava-se firmemente estabelecida e confirmada por aqueles manuscritos.

Era a população menos esclarecida quem tinha razão ao outorgar-se ser descendente de tais antepassados. Contudo, tanto nesse sentido como nos demais, os Andart-Iten-Schu não haviam inventado nada. Haviam-se conformado em dizer mais uma vez tudo aquilo que já havia sido dito muitas e muitas vezes antes deles. É completamente seguro imaginar, depois de tudo, que os contemporâneos responsáveis por aqueles relatos não misturaram fantasias com fatos. É mais certo acreditar que aquela humanidade tenha percorrido o caminho já percorrido por outras humanidades surgidas antes deles. Prova disso é que o manuscrito fazia referências a um povo muito mais antigo, chamado de *atlantes* (?) Desses

atlantes seriam, sem dúvida, os restos quase impalpáveis que haviam sido descobertos graças às escavações de Sofr no limo marinho. Que grau de inteligência havia alcançado essa antiga nação no momento de ser varrida da face da Terra? Seja qual for a resposta, pode-se afirmar que, depois da catástrofe, nada restou de suas obras, e o homem viu-se obrigado a retomar sua ascensão para o conhecimento e a modernidade de sua civilização.

Talvez o mesmo aconteça com os Andart-Iten-Schu.

Talvez o mesmo aconteça depois deles, até o dia em que...

Chegaria o dia em que o desejo insaciável do homem ficasse plenamente satisfeito? Chegaria algum dia em que, tendo subido a encosta, pudesse descansar no cume conquistado? Eram essas as perguntas que martelavam a mente do zartog Sofr, inclinando-se pensativo sobre o venerável manuscrito. Mediante esse relato de além-túmulo, imaginava o terrível drama que se desenvolve perpetuamente no universo, e seu coração transbordava de piedade. Sofrendo pelos incontáveis males que outros antepassados haviam suportado antes dele, dobrando-se sob o peso da realidade desses esforços vãos acumulados no infinito dos tempos, o zartog Sofr-Ai-Sr adquiria, lenta e dolorosamente, a íntima certeza do eterno recomeço das coisas.

FIM